



METROPOLE

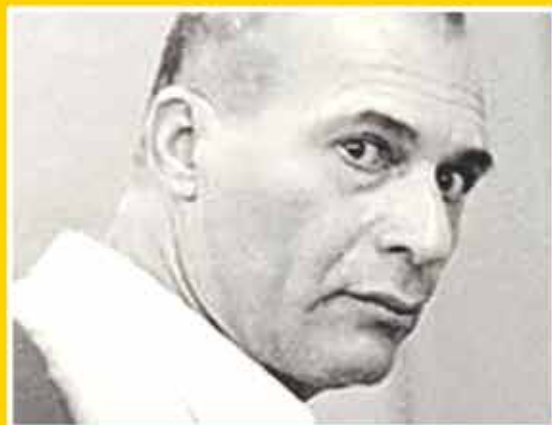
SSA - BA

06 NOV 2025



MEDO NA SALA DE AULA

Agressão de alunos, ameaça de pais, pressão de donos de escola e até tentativa de envenenamento expõem a violência física e psicológica que atinge professores das redes pública e privada em Salvador. Págs. 2 a 4



Morte da viúva de Marighela reativa a memória sobre um símbolo da luta contra a ditadura. Pág. 8



Travessia de motocicletas em passarela vira praga na capital e leva risco a pedestres. Pág. 11



Ícônica Casa D'Itália é colocada à venda e corre risco de dar lugar a mais um espigão. Pág. 12

Quando dar aula vira ato de coragem

Entre ameaças, pressões e silêncio institucional, professores da Bahia enfrentam a sala de aula como quem atravessa um campo minado e ainda precisam provar que o medo não atrapalha o ensino

Texto **Daniela Gonzalez e Víctor Quirino**
redacao@radiometropole.com.br

Nas escolas públicas e particulares da Bahia, e no Brasil inteiro também, professores carregam mais do que livros e planos de aula: convivem diariamente com a sensação de serem alvos. Não apenas pela violência explícita, mas pelo silêncio que ronda corredores, pela pressão institucional, pelo desrespeito que se infiltra na rotina. O que era lugar de ensinar se transforma em cenário de insegurança.

Basta uma busca rápida na internet para perceber que a sala de aula virou manchete, e não pelas boas notas. A cada rolagem, um novo episódio: brigas, ameaças, tapas e até tentativas de envenenamento. Na última semana, quatro alunos do Colégio Estadual Edson Carneiro (veja imagem aérea da unidade abaixo), situado no bairro de São Caetano, em Salvador, foram flagrados tentando misturar chumbinho em balas para entregar a duas professoras. O plano, descoberto antes de ser executado, foi denunciado por colegas à direção. A Secretaria da Educação do Es-

tado (SEC) informou que o caso foi registrado na Polícia Civil.

ROTINA DE RECEIO

João Neto, professor de uma escola municipal de Salvador, conta que a violência já atravessou sua rotina mais de uma vez: “Já fui ameaçado por aluno e por responsável. Uma vez, o pai de um estudante invadiu a coordenação por causa de uma nota e, aos gritos, me empurrou. Foi um daqueles momentos em que a gente percebe que a escola deixou de ser um lugar seguro”.

Neto conta que o medo não se resume ao susto do momento, mas às marcas que ficam. Ele diz que passou a planejar as aulas com mais cautela, “como quem desarma uma bomba”, evitando discussões que antes encarava com naturalidade. Deixou de aplicar punições em público e limita o contato com famílias quando percebe sinais de tensão. Já pensou em abandonar a carreira, pedir transferência ou buscar outra profissão. Segundo ele, não é o único.

“Não estamos falando de casos isolados. Em conversas com professores de três ou quatro escolas diferentes, as histórias se repetem: agressões verbais no corredor e pais que exigem ‘respostas rápidas’”, detalhou.



divulgação

Publisher **Editora KSZ**
 Diretor Executivo **Chico Kertész**
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
 Editor de Arte **Paulo Braga**
 Coordenação **Mariana Bamberg**

Conselho editorial **Claudia Pereira, Jairo Costa Jr., Juliana Lopes, Mariana Bamberg, Nardele Gomes e Natália Freitas**
 Redação **Daniela Gonzalez, Vítor Bahia, Izabela Prazeres, Laís Gama, Juliana Lopes, Laís Gama, Kamille Martinho e Víctor Quirino**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Revisão **Redação**
 Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
 Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



Violência normalizada

Antônio*, nome fictício usado para preservar a identidade do professor, atua nas redes pública e particular. Ele descreve um cenário de tensão crescente nas escolas pagas ou não e conta que já presenciou estudantes entrando em sala de aula com facas e até spray de pimenta. A sucessão de episódios, disse, levou ao adoecimento. “Acumulei um estresse pós-traumático que quase virou depressão”, relata.

Embora o Estado tenha adotado medidas como detectores de metais e identificação facial, o professor afirma que o controle ainda é falho. “Essas tecnologias não impedem que pessoas de fora, ou mesmo pais, entrem nas salas. Já vimos professores sendo ameaçados dentro da escola, e, se não fosse a intervenção dos alu-

nos, a agressão teria acontecido.”

Ele diz que a violência se tornou progressiva e, pior, normalizada. “Hoje, o professor é visto como alguém que tem de suportar tudo. A sociedade ainda trata a docência como um sacerdócio, e o resultado é um profissional sobrecarregado, sufocado e adoecido.”

Segundo ele, apenas em sua unidade sete professores estão afastados por problemas de saúde mental, entre diagnósticos de burnout e estresse pós-traumático. “A legislação protege o aluno, e deve proteger, mas o professor fica à margem. A lei que criminaliza agressão a servidor público existe, mas não é aplicada em todos os Estados. No fim, quem está na linha de frente segue sozinho.”



Pressão ‘invisível’

Nas escolas particulares, o medo tem outro uniforme. Ele não vem armado, mas se veste de cobrança, meta e avaliação de desempenho. Professores relatam que, entre mensalidades caras e “clientes exigentes”, o respeito se mede pela satisfação do pai, não pela autoridade do mestre. A violência, nesse caso, é polida, mas constante: chega por e-mails atravessados, reclamações em grupos de WhatsApp, críticas públicas em redes sociais.

A escola se torna uma vitrine; e o professor, um produto que precisa agradar, mesmo à custa da própria saúde mental. É o medo de ser demitido por um boletim mal interpretado, uma fala mal-entendida. É a violência que não sangra: o desgaste emocional. A cobrança para manter a “boa imagem” da escola, a pressão por resultados e o silêncio institucional diante de ameaças e humilhações. O professor que denuncia arrisca o emprego; o que se cala, adoece em silêncio.

Em escolas mais tradicionais, Antônio diz que o cuidado é redobrado. “O medo maior é de ser mal interpretado. Um comentário sobre história ou política pode ser recortado, gravado, distorcido. Basta um vídeo fora de contexto para virar acusação. E quando a família de um aluno pede explicações, o professor já começa o dia com o emprego na corda bamba.”

Nas escolas privadas o respeito se mede pela satisfação do pai, não pela autoridade do mestre. A violência, nesse caso, é polida, mas constante

Papel, lápis e intimidação

Igor Oliveira, formado em História e com quase 20 anos de sala de aula, carrega nas palavras o peso de quem viveu o medo e o cansaço por dentro. “Sim, eu já sofri caso de violência. E acredito que a maioria dos professores, seja da rede pública ou privada, também já passou por isso”, contou ao **Jornal Metropole**.

No fim, a pergunta que fica é inevitável: o que está acontecendo com a educação? Se professores como Igor ainda lutam por salários dignos, valorização e estrutura e mesmo assim viram alvo de agressões e abandono, quem ainda vai querer, e conseguir, permanecer nessa sala de aula que se tornou campo de resistência?

O presidente da Associação dos

Professores Licenciados da Bahia (APLB), Rui Oliveira, diz que os casos de assédio moral e intimidação tornaram-se parte da rotina das escolas baianas, atingindo não apenas professores, mas também coordenadores e outros profissionais da educação. “O que acontece mais é assédio moral, intimidações, além de alunos e pais que desrespeitam professores”, afirmou.

O dirigente destacou que as ocorrências se repetem tanto na rede municipal quanto na estadual e tem se agravado com o tempo. Para ele, o aumento da hostilidade tem raízes profundas como a desagregação familiar e a normalização da violência nas relações cotidianas.

A dificuldade em encontrar registros recentes escancara o tamanho do apagão estatístico: o país mal sabe quantos docentes são agredidos



Cadê os dados?

Os números até existem, mas são tímidos, dispersos, escondidos atrás de protocolos e notas oficiais. É curioso: quando o assunto é desempenho escolar, há gráficos, metas, relatórios coloridos. Quando é sobre violência contra quem ensina, o silêncio toma o quadro. As estatísticas são fragmentadas, chegam com atraso ou simplesmente não chegam.

O Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) registrou, entre janeiro e setembro de 2023, 9.530 denúncias de violência em instituições de ensino contra professores, um aumento de quase

50% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Desde então, só silêncio. Não há dados públicos consolidados sobre 2024 ou 2025, nem atualizações periódicas do levantamento. A dificuldade em encontrar registros recentes escancara o tamanho do apagão estatístico: o país mal sabe quantos docentes são agredidos, ameaçados ou humilhados em serviço.

FORA DO RADAR

Em Salvador, a Secretaria Municipal da Educação (Smed) informou que, neste ano, apenas um caso de

agressão foi oficialmente registrado: o de uma mãe que atacou a gestora de uma escola em abril. Já a Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC) informa que não dispõe de recorte estatístico sobre violência contra professores.

A chefe da SEC, Rowenna Brito, diz que o estado mantém uma política contínua de acompanhamento e apoio aos profissionais da rede, com foco nas saúdes física e emocional. A secretária comentou o episódio da tentativa de envenenamento. “A gente vai sempre acompanhando para tentar evitar alguma situação como essa que aconteceu”, completou.

Alta complexidade

qualidade e excelência.



Para atender a **qualquer necessidade de urgência e emergência**,
nosso pronto-socorro funciona 24 horas.

Além disso, você pode
agendar consultas de forma prática
pelo app **Meu Mater Dei**.



MaterDei

Baixe agora
o app Meu Mater Dei
ou acesse:
meu.materdei.com.br

71 3330-7000

MaterDei

Hospital Salvador



Nosso Rubicão

Aécio Pamponet

Jornalista, sociólogo, escritor e ex-prefeito de Macajuba

Chegou a hora do pega pra capar. A violência será o maior discurso da extrema-direita nas eleições do próximo ano, para esconder as realizações do governo Lula-Alckmin-Haddad-Marina, os quatro pilares de sua sustentação, com o equilíbrio da economia e avanços nas políticas institucional, social e ambiental.

A ultradireita não só encontrou na barbárie o seu caminho demagógico de oposição ao governo, às forças progressistas e de comunicação com o povo, como está construindo com competência. O massacre do Rio de Janeiro é, ao mesmo tempo, a estreia e o corolário dessa estratégia fascista.

Colocar o país em pânico, com a população clamando pelo combate ao crime organizado como prioridade número um do futuro governo, passou a ser o grande mote das forças do mal. Visam aterrorizar e empurrar as classes médias (alienadas, egoístas e oportunistas) a encampar suas teses de que “bandido bom é bandido

morto”, além de fissurar e diminuir o apoio dos pobres ao presidente Lula.

Este é o sentido mais deletério das chacinas no Rio, e o tempo vai tornar essa estratégia mais evidente, através da repetição e institucionalização desse método cruel e abominável. Os democratas e as forças políticas que cultuam princípios básicos de convivência social precisam pensar urgentemente como se contrapor ao avanço do fascismo no Brasil, sob pena de termos que pagar com sacrifícios e dores, Deus sabe por quanto tempo.

Ninguém espere um novo 1 de abril de 64, com tanques e fuzis. Os golpistas modernizaram-se. Estão tentando destruir a Democracia por dentro, utilizando os próprios espaços democráticos. E as próximas eleições presidenciais vão definir o futuro do país, talvez por décadas.

As ruas, mas não somente elas, me parecem um bom início para o confronto que urge iniciar!

Alea Jacta Est!

“A ultradireita não só encontrou na barbárie o seu caminho demagógico de oposição ao governo, às forças progressistas e de comunicação com o povo, como está construindo com competência”



tomaz silva/agência brasil



ENTREVISTA

Criolo

CANTOR, RAPPER E COMPOSITOR



Quando o Estado vira as costas para as favelas, quando esquece que existe um ser humano ali, nós vivemos o que vivemos agora, no Rio de Janeiro. É desesperadora essa situação. É uma vergonha”

Jornal da Cidade

ENTREVISTA

Daniel Colina

ARQUITETO, URBANISTA E PRESIDENTE DO IAB DA BAHIA



Lelé representa o arquiteto com uma visão social, que trabalha em equipe e que inova tecnologicamente. Não foi um copiador de modelos. Minha opinião é de que toda obra de Lelé deveria ser tombada”

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTAS



METROPOLE

ENTREVISTA

Capinam

POETA E IMORTAL DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA



Escrevi ‘Soy Loco Por Tí América’ no dia que assassinaram Che Guevara. (...) Eu escrevi chorando. Quando eu soube da notícia, comecei a escrever. (...) Ela nasce da emoção que a notícia me dá”

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Zé Ronaldo

PREFEITO DE FEIRA DE SANTANA (UNIÃO BRASIL)



ACM queria me ver. Depois de uma hora e meia de conversa, eu disse que ia embora. Então ACM perguntou ‘venha cá, você vai sair e não vai me pedir nada?’. Então eu pedi uma obra”

Jornal da Bahia no Ar

Marighella, o homem que morreu por ter coragem de dizer

Legado do guerrilheiro baiano que virou o inimigo número um da ditadura ainda ecoa em um Brasil que permanece cheio de contradições; viúva Clara Charf morreu no último dia 3

Texto Juliana Lopes

juliana.farias@radiometropole.com.br

Passava das 20h quando um homem alto se aproximou do Fusca azul, estacionado na penumbra da alameda Casa Branca na esquina com a Rua Tatuí, no bairro nobre dos Jardins, em São Paulo. O fluxo de veículos com torcedores rumo ao estádio do Pacaembu já tinha passado, e o silêncio era sepulcral. Naquela noite, o Santos de Pelé enfrentaria o Corinthians de Rivelino. Marighella não sabia, mas eram seus últimos passos: antes mesmo de a partida começar, ele sairia da vida para entrar para a História.

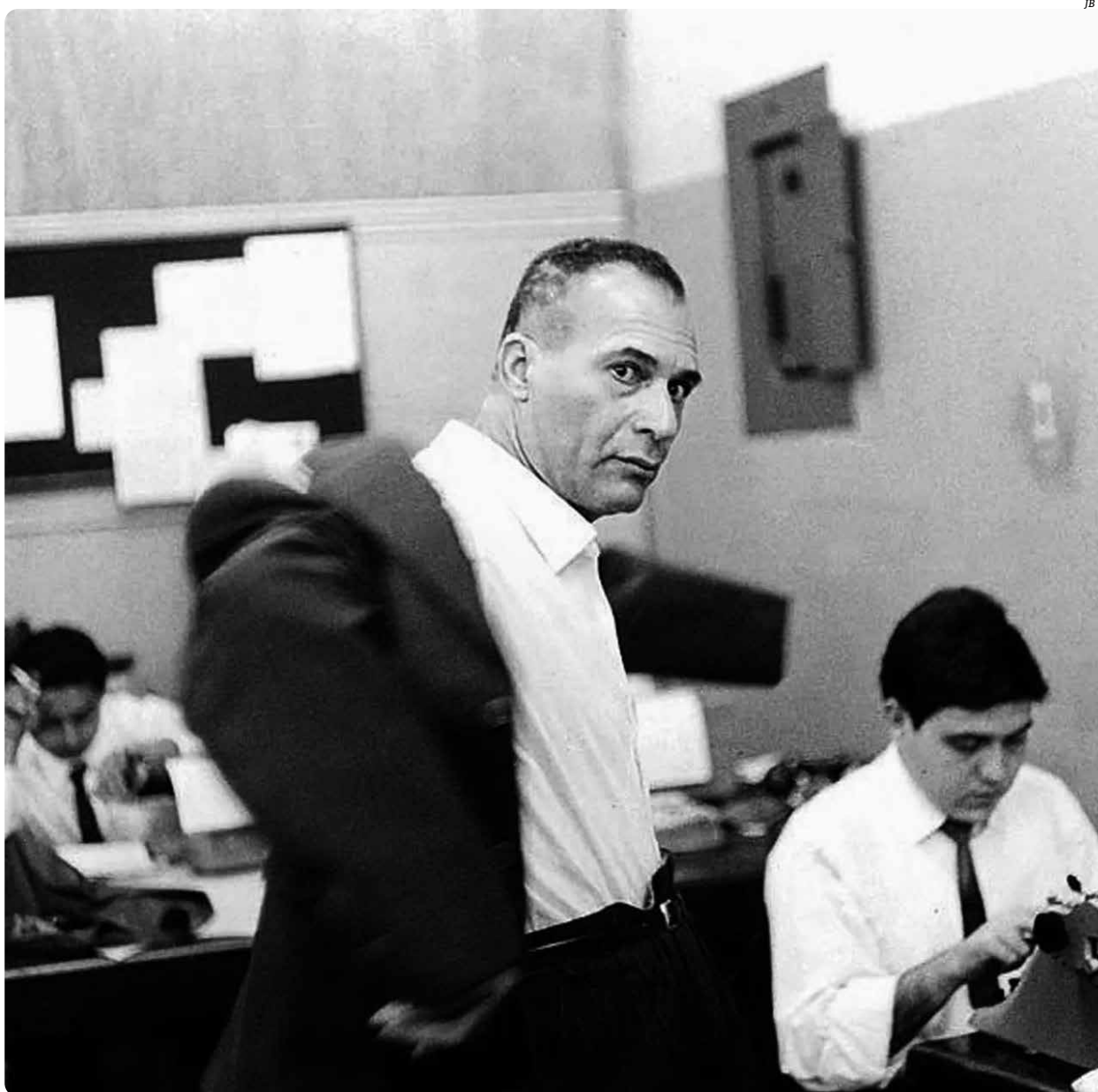
Criado na Baixa dos Sapateiros, em

Salvador, o poeta, capoeirista e torcedor do Vitória começou na militância ainda na década de 1930. Filho de italiano com uma negra haussá, nasceu em 5 de dezembro de 1911 no Tororó. Foi preso pela primeira vez em 1932 por ter escrito um poema com críticas a Juracy Magalhães, interventor nomeado por Getúlio Vargas para governar a Bahia. Em 1934, Marighella deixou o curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica da Bahia, ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB), se mudou para o Rio de Janeiro e dedicou o resto da vida às atividades políticas.

Foi eleito deputado federal constituinte em 1946, mas teve o mandato cassado dois anos depois, quando o

PCB foi novamente colocado na ilegalidade. Ocupou diferentes cargos no Partidão. Chegou a morar na China e era conhecido por sua coragem e firmeza. Dizia que não tinha tempo de sentir medo. Foi preso e torturado diversas vezes e nos anos mais duros da ditadura, rompeu com o PCB e fundou a Ação Libertadora Nacional (ALN), grupo de resistência armada contra o regime militar.

No fatídico 4 de novembro de 1969, Marighella já vivia há cerca de 21 anos com sua companheira Clara Charf, com quem compartilhava a luta política. Clara morreu aos 100 anos na última segunda-feira (3), depois de ter suportado prisões e tragédias, numa vida inteira dedicada à militância.



Emboscada fatal

Ao entrar no carro para o encontro costumeiro com seus aliados da ALN, Marighella foi rendido pelos homens do temido delegado Sérgio Paranhos Fleury, que chegou logo depois. Chefe do Dops e considerado um dos mais cruéis agentes da repressão, Fleury já perseguia há tempos o então inimigo número um da ditadura.

Prendeu os freis Fernando e Ivo, que davam cobertura a ele assim como Frei Tito (o religioso tirou a própria vida tempos depois, atormentado pelas torturas) e os obrigou a marcar o encontro com Marighella. Sem se render, foi acertado à queima-roupa por pelo menos quatro tiros, embora o laudo do médico-legista Harry Shibata tenha indicado que o óbito decorrente de tiroteio. Marighella estava desarmado quando morreu. Ao partir, deixou um enorme legado na luta contra a tirania.

Riso, choro e download.



amazon.com.br



Riso—Choro
Agora também
em e-book.



O falso nove

Fernando Vita

Jornalista e escritor, sofredor do Vitória desde pequenininho

O futebol – com os seus arautos da crônica esportiva – também é cultura. Vejam quantas contribuições eles, os das teclas e os dos microfones, remetem aos dicionários, desde os tempos em que Dondinho ainda jogava no Andaraí. Sei lá quem foi Dondinho, muito menos por onde joga – ou não joga mais. O certo é que a novidade da vez, no falar que vem dos estádios, é a figura do “falso nove”.

Não me perguntem igualmente que porra é “falso nove”, que não lhes saberei responder, sendo de bom alvitre consultar o professor Sílvio Mendes da Paixão, o que “segura a cabecinha de mamãe”. É de bom alvitre também dizer que, igualmente, não domino de que mamãe é a cabecinha que o Sílvio da Metropole manda segurar. A do próprio Sílvio é que não deve ser. Cabecinhas de mães postas de lado, voltemos ao “falso nove”, que, como já disse, não sei que porra vem a ser, mas, como pensar é só pensar e, ainda!, não

custa um centavo e nem paga imposto, imagino que seja o “falso nove” o antigo centrefó, palavrinha muito jeitosinha, com assento nos dicionários desde sempre, mas já em desuso pelos magos da crônica de hoje.

Centrefó este que em tempos idos plantava-se na área, envergando uma jaqueta com um nove às costas, trombando com os fubeques (Jesus, por onde andam os fubeques de antanho, todos hoje tratados por zagueiros?) e faziam gols a dar de pau, sendo que os “falsos noves”, noves fora nada, já não fazem tentos a dar de pau, é pedra, é o fim do caminho, é um resto de toco, é um toco sozinho, gol poético do Jobim, ai quantas saudades dos gols de letra, principalmente, na época que ainda eram tratados por tentos. Ou versos...

Mas, de tanto ver triunfarem os “jogadores de beirada”, os “pontas avançados” e os igualmente pontas, mas recuados, sem olvidar os “ata-

cantes de ofício”, seja lá que desgraça isso venha a significar, crendo que o ofício do atacante é atacar, sempre. Sendo de ofício ou não, só de pura sacanagem (ai do mundo se não fossem os sacanas!), aventuro imaginar que, em sendo o “falso nove” um nove de cabeça para baixo, um seis, portanto.

E se no vice-versa e no versa-vice pegarmos este mesmo seis e o voltarmos para a sua situação original, ele torna a ser nove, um lídimo “sessenta e nove” teríamos, em suas múltiplas funções, no futebol ou fora dele, que é assim que caminha a humanidade, ela, toda ela, de ponta cabeça, saudosa dos tempos do córneres, dos ofissaides, dos bandeirinhas, dos beques, dos fubeques, dos golquíperes, dos Pelés, Dendês, Coutinhos, Mericas, Garrinchas, Bobôs e Baiacos, que falta eles fazem às nossas tardes de domingo, quando o Brasil ainda era o País do Futebol.

Não me perguntem igualmente que porra é “falso nove”, que não lhes saberei responder, sendo de bom alvitre consultar o professor Sílvio

Ai quantas saudades dos gols de letra, principalmente, na época que ainda eram tratados por tentos. Ou versos...





CIDADE

Motociclistas transformam passarelas de Salvador em pista e levam risco a pedestres; ligação do Bairro da Paz com Mussurunga concentra maior parte das infrações registradas este ano



Texto Laís Gama e Vítor Quirino
redacao@radiometropole.com.br

As passarelas de Salvador, projetadas para proteger quem anda a pé, vêm sendo usadas cada vez mais como atalhos por motociclistas apressados. Só entre janeiro e outubro deste ano, 57 notificações foram registradas. O que representa um aumento de 200% em relação ao mesmo período 2024.

As passarelas da Avenida Luiz Viana Filho, a Paralela, concentram o maior número de infrações. Mas há

outras espalhadas pela cidade que também registram infrações frequentes, como as da Bonocô, em um cenário no qual pressa e descuido viraram rotina sobre estruturas destinadas ao fluxo seguro de pedestres.

Na operação mais recente, realizada em 28 de outubro deste ano na passarela que liga o Bairro da Paz a Mussurunga, um dos pontos mais movimentados da Paralela, 32 motociclistas foram abordados. Destes, 22 foram multados e nove tiveram as motos recolhidas. Conforme o Código de Trânsito Brasileiro, transitar

com moto em passarelas é infração gravíssima, com multa de R\$ 880,41, perda de sete pontos na carteira de habilitação e remoção do veículo.

PROBLEMA NACIONAL

Mas o risco não some com as infrações. Nessa travessia ilegal, crianças a caminho da escola, idosos e pessoas que se deslocam para o trabalho ou para tarefas simples do cotidiano podem ser atropelados em segundos por condutores que ignoram as regras. As câmeras do Núcleo de Operação Assistida (NOA) auxiliam na identificação de infratores, mas o problema persiste devido à pressa e à imprudência de quem está sob rodas.

O gerente de Trânsito da Transalvador, Marcos Reis, explica: “É um fenômeno nacional. Alguns motociclistas, principalmente de entregas, querem encurtar o trajeto e acabam escolhendo o caminho mais perigoso: o que é proibido. O pedestre é a parte mais vulnerável”.

Embora existam outros lugares onde as motos simplesmente não deveriam circular, as passarelas ocupam o topo da lista. Especialmente, porque quem transita por elas não espera encontrar uma motocicleta em sua direção, como se estivesse em uma rua qualquer.

METROPOLE



transalvador/ascom pms

Mais um monumento histórico à venda

Em meio a dívidas, risco estrutural grave e promessas de modernização, Casa D'Itália está sob ameaça de virar ativo para o mercado imobiliário em uma Salvador que só perde memória

Texto **Daniela Gonzalez**

daniela.gonzalez@radiometropole.com.br

A Casa D'Itália, imóvel de 1936 que atravessou gerações como ponto de encontro da comunidade italiana e símbolo de uma Salvador elegante e plural, está oficialmente à venda. O processo foi aberto por meio de um edital publicado em setembro e revela um daqueles momentos em que o tempo, a economia e a memória parecem falar línguas diferentes.

O edifício, de inspiração neoclássica, abriga histórias que resistiram às transformações do Campo Grande, de bairro aristocrático a território de contrastes, onde casarões dividem calçada com prédios de luxo. Agora, a Casa D'Itália entra na lista de bens que podem mudar de dono e talvez de destino, somando-se à sequência de endereços históricos que, pouco a pouco, vão deixando de pertencer à cidade para pertencer ao mercado.

A Associação Cultural Casa D'Itália afirma que a decisão de ven-

der o imóvel foi inevitável. Em nota, a atual diretoria relata ter herdado uma instituição à beira do colapso, com dívidas, contas bloqueadas, risco de desabamento e falta de regularização fundiária. Segundo auditoria contratada, seriam necessários mais de R\$ 4,5 milhões apenas para restabelecer a segurança estrutural do imóvel.

Diante desse cenário, o edital foi apresentado como uma consulta pública para avaliar propostas de compra e alternativas financeiras. A entidade sustenta que a medida visa garantir a continuidade das atividades culturais em uma nova sede, moderna e funcional, que permita manter viva a missão de promover a cultura italiana.

Na nota, a diretoria fala ainda em "responsabilidade, transparência e sustentabilidade". Palavras que soam corretas e necessárias, mas que também carregam um eco incômodo: o da inevitabilidade que costuma acompanhar as perdas urbanas.



marcelle bittencourt/metropress

Símbolo da 'Nova Salvador'

Para o arquiteto Daniel Colina, diretor do Instituto de Arquitetos do Brasil na Bahia (IAB-BA), a venda da Casa D'Itália não é apenas um ato administrativo, mas um retrato da cidade contemporânea. "É um problema cultural. Quando se vende, em Salvador, a cultura se vende", afirmou.

Colina lembra que, embora o prédio não seja tombado, está em uma área de proteção paisagística e cultural, o que reforça seu valor simbólico. "Estamos falando de paisagem. Essa cidade tem uma paisagem fantástica e precisa ser tratada com muito cuidado."

De acordo com edital, o comprador do casarão histórico poderá até subir um espigão de luxo no local, desde que a proposta seja acatada pela associação. E nada garante que não será.

Ele menciona casos, como o do antigo Hotel Tapajós, demolido após forte reação popular, e faz um alerta sobre o que chama de "turismo desmedido". "A cidade precisa crescer, mas sem se esquecer de si mesma."

A Casa D'Itália pode renascer em outro endereço, mas dificilmente voltará a ocupar o mesmo lugar na memória de Salvador. Porque há vendas que não se medem em cifras, e há perdas que não cabem em planilhas. Como disse Daniel Colina, "cultura não se recompra com o mesmo dinheiro que se ganha com o metro quadrado."



marcelle bittencourt/metropress

Perólas da semana

É cada uma que parece duas, viu? O homem recebeu denúncias de violência ao longo de anos a fio, já foi condenado à prisão em regime aberto por agredir uma ex-namorada e uma camareira, foi acusado de ter agredido pelo menos outras quatro pessoas e no último domingo (2) teve a desfaçatez de aparecer na televisão em horário nobre dizendo que não se considera machista, mas sim, “veganista” e “humanista”. Agora me diga o que tem a ver a dieta nesse contexto? Humanista, no caso dele, é quem estudou Ciências Humanas?



reprodução

Não me considero machista. Me considero veganista, humanista”
Dado Dolabella - Ator

Gilda Fucs é psiquiatra e sexóloga

A sexóloga e psiquiatra Gilda Fucs participa toda terça-feira do **Jornal da Cidade**, com Casemiro Neto, respondendo perguntas feitas pelos ouvintes.

ANÔNIMO:

Qual a melhor técnica para deixar a mulher molhadinha e excitada para receber a penetração?

DRA GILDA: Antes da penetração, aquele programa pré-vestibular, de excitá-la bem. Estimular o clitóris, os mamilos, com os beijos. Ou seja, deixá-la bem preparada para quando houver a penetração, ela já esteja bem lubrificada. Não tem mistério nenhum.

ANÔNIMA:

Conheci um cara na academia todo bonitão e cheio de músculos. Na hora H foi uma decepção total no tamanho do pênis e na rapidez do sexo. Ele disse que tomou muito hormônio e que antes não era assim. Tem fundamento?

DRA GILDA: Sim, essas medicações à base de muita testosterona podem até fazer o cara brochar. Esses caras de academia que tomam esses produtos deixam os músculos dos braços e das pernas bem apetitosos, mas do ponto de vista do sexo, não.

Vá com força!

“De onde eles vêm” é o mais recente romance do autor vencedor do prêmio Jabuti Jefferson Tenório. Ambientado em Porto Alegre, o livro traz a história de Joaquim, estudante que ingressa na universidade por meio das cotas raciais ainda nos anos 2000 e enfrenta uma série de obstáculos para manter, num ambiente hostil, seu amor pelos livros e pela literatura.

Para o leitor do JM, tem desconto de 15% em “De onde eles vêm” no site e nas lojas físicas da LDM, é só usar o **ME-TROINDICA15** ou informar no balcão.

divulgação

Na boca de Matilde

Alguns dos temas mais citados nas profundezas da internet nesta semana:

#DAVI BRITO PAGOU A LÍNGUA
Ele provocou. Durante as semanas anteriores à luta com o ex-Fazenda Sacha Bali, o ex-BBB Davi Brito prometeu que iria “amassar” o adversário e até partiu para cima, com tapa no rosto e tudo, na pesagem um dia antes do confronto. O resultado da luta nos ensinou que entre o BBB e A Fazenda está valendo mais participar do MasterChef.

#BOLSONARO NA PAPUDA
Deve ter gente que guarda a champanhe na geladeira desde quando Bolsonaro se tornou ilegível, ainda em 2023. Mas nessa semana, com a possibilidade de o STF encaminhar o ex-presidente condenado a 27 anos e 3 meses de prisão por golpe de estado e mais quatro crimes para a Papuda, foi quase possível ouvir o barulho das rolhas estourando.

Uma torcida de exageros

O torcedor do Bahia, apesar de presente, vai do céu ao inferno com o clube na mesma proporção

Texto **Vitor Bahia**

redacao@radiometropole.com.br

Artistas não fazem um grande show sem o canto vibrante de seu público. O mesmo vale para o futebol e suas torcidas. O Bahia e seu torcedor, por exemplo, vivem uma relação simbiótica com temperos exagerados de paixão. Sem falar do amor acolhedor e, ao mesmo tempo, agressivo. Uma torcida capaz de figurar entre as mais presentes do país, mas ainda ser a que vaia mesmo sob os louros do triunfo.

Quando falamos de torcer não há muito do que reclamar de uma legião de aficionados que, por três anos seguidos, figurou entre as quatro melhores médias de público do Brasileirão. E mais: historicamente, foi líder também em média de público da competição por três temporadas - 1985, 1986 e 1988, ano em que virou bicampeão brasileiro. Essa mesma torcida foi ainda quem fez do Bahia um dos times com maior audiência em campo.

Diferente do jargão de “torcida não, público!” emitido por rivais rubro-negros, os torcedores tricolores não se limitam aos dados de uma tabela de Excel. Afinal, o Esquadrão não é o melhor mandante do Brasileirão à toa. Os 12 triunfos em 16 jogos na

Arena Fonte Nova transformaram o Bahia num dos mais temidos de se jogar em terreno inimigo. Nem o mais corneteiro dos adversários poderia dissociar o sucesso do time ao calor de sua torcida, sobretudo, diante dos fracassos do Tricolor quando atua fora dos próprios domínios.

No entanto, a boca que grita gol é a mesma que vaia. Não precisa muito para que as

celebrações se tornem atos de hostilidade. Basta perder dois jogos seguidos ou talvez nem chegar a tanto. Os ânimos são tão grandes quando o time está em boa fase que a torcida esquece de que, apesar do investimento, o Bahia ainda não é o Manchester City e está em crescimento gradual do seu projeto. Ah, Cauly ainda não é Kevin De Bruyne, e Rogério Ceni não é Pep Guardiola.



rafael rodrigues/ecbahia

Arena Barradão

O Barradão vai sair do modo raiz e entrar no modo arena. O projeto que promete transformar o estádio do Vitória em um espaço multiuso foi aprovado pela diretoria na segunda-feira (3). A ideia é grandiosa, com investimento inicial de R\$ 355 milhões e, ao longo de 35 anos, podendo chegar a R\$ 1,4 bilhão. No papel, tem shopping, museu, restaurantes, camarotes chiques e até palco para shows gigantes. Se tudo sair como planejado, o Barradão deixará de ser apenas o “santuário rubro-negro” para virar um novo ponto do roteiro turístico em Salvador, com o Leão rugindo no centro das atenções.

Juba com a Amarelinha

O lateral-esquerdo Luciano Juba, um dos xodós da torcida tricolor, agora tem um novo técnico para agradar: Carlo Ancelotti. O comandante italiano convocou o jogador do Bahia para defender a Seleção Brasileira nos amistosos contra Senegal e Tunísia, marcados para 15 e 18 de novembro em Londres, na Inglaterra, e em Lille, na França. Depois de brilhar na Fonte Nova, Juba agora vai tentar conquistar o coração do Brasil. Nas redes, os tricolores já comemoram como se fosse gol: o “Jubinha” vai representar o Esquadrão no cenário internacional. E se depender da torcida, ele volta da Europa ainda mais confiante.

Revanche de Titãs

Guillermo Varela até tentou escrever o próprio roteiro, mas o enredo saiu diferente do previsto. O lateral do Flamengo confessou que queria encarar a LDU na final da Libertadores, só que o destino colocou o Palmeiras no caminho, com o time paulista chegando empolgado após a goleada de 4 a 0 contra a LDU na semifinal, após levar 3 x 0 no jogo de ida. No dia 29 de novembro, em Lima, o Fla reencontra o Verdão em uma reedição da final de 2021, no Uruguai. Agora, o clima é de revanche. Ironia ou destino, o confronto coloca frente à frente, mais uma vez, os dois gigantes do futebol brasileiro e promete um desfecho digno de cinema.

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Quando sentir que tudo terminou, quando estiver tudo escuro à sua frente... quando sentir que as pessoas à sua volta se afastam de ti... saia do cinema. O filme acabou.

Lindinalva

Vamos falar besteiras e coisas engraçadas porque vivemos o tempo todo falando de coisas sérias que até agora não resolveram os problemas do mundo.

Vlad

Antes de se casar com alguém, você deveria fazê-lo usar um computador com internet lenta para descobrir quem ele realmente é.

Buçanha

O que quer que você faça, sempre dê 100%. A menos que você esteja doando sangue.

Flávia Vizinha

Na internet todos são filósofos, poetas, inteligentes... Na internet todos são belos, felizes, muito ocupados e bem sucedidos. Sei não... Acho que eu vou me mudar pra lá.

Jane

O dinheiro não é tudo. Não se esqueça também do ouro, dos diamantes, da platina e das propriedades.

Guto

Dói né? Deitar no sofá e lembrar que esqueceu o controle.

Cida

E se este mundo for o inferno de outro planeta?

Trump

O dinheiro não nos traz necessariamente a felicidade. Uma pessoa que tem dez milhões de dólares não é mais feliz do que a que tem só nove milhões.

Fausto Silva

A luz viaja mais rápido que o som. Por isso algumas pessoas parecem brilhantes até você ouvi-las falando.

Pedro Miau

A prova de que a natureza é sábia é que ela nem sabia que iríamos usar óculos e notem como colocou nossas orelhas.



BAHIA PRA FRENTE DO LADO *da gente*

O Governo do Estado tem um lado: **o do povo baiano**. Por isso, nos últimos anos, estamos entregando as escolas públicas mais modernas do Brasil, requalificando e pavimentando estradas e construindo a maior rede de policlínicas e hospitais estaduais do país. E, com a parceria com o Governo do Brasil, a Bahia vai seguir avançando sem deixar ninguém pra trás.



DO LADO DOS ESTUDANTES:
690 ESCOLAS DE TEMPO INTEGRAL



DO LADO DAS FAMÍLIAS:
26 POLICLÍNICAS E 38 HOSPITAIS



DO LADO DE QUEM PRECISA:
1 MILHÃO DE PESSOAS FORA
DO MAPA DA FOME



DO LADO DO INTERIOR:
MAIS DE 20 MIL KM DE ESTRADAS



DO LADO DA CAPITAL:
VLT - VAI LIGAR TUDO

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA